

# As Parábolas de Jesus\*

Simon J. Kistemaker

Com muita freqüência, os jornais trazem, junto aos editoriais, com destaque, uma caricatura. Com poucas linhas, o artista traça o esboço humorístico de um *fato* político, social ou econômico, atual. Através do desenho ele transmite uma mensagem contundente e direta, cuja eloqüência um redator dificilmente poderia alcançar.

Contando parábolas, Jesus desenhava quadros verbais que retratavam o mundo ao seu redor. Ensinando através das parábolas, ele descrevia aquilo que acontecia na vida real. Isto é, ele usava uma história tirada do cotidiano, para, através de um fato já aceito e conhecido, ensinar uma nova lição. Essa lição, na maior parte das vezes, vinha no final da história e provocava um impacto que precisava de tempo para ser entendido e assimilado. Quando ouvimos uma parábola, acenamos com a cabeça, concordando, porque a história é como a vida real e fácil de ser entendida. No entanto, mesmo que se ouça a aplicação da parábola, ela nem sempre é compreendida. Vemos a história se desenrolar diante de nossos olhos, mas nem sempre percebemos seu significado.<sup>1</sup> A verdade permanece escondida até que nossos olhos se abram e possamos vê-la mais claramente. Então, a nova lição da parábola se torna significativa. Como Jesus disse a seus discípulos: “A vós outros vos é dado o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por meio de parábolas” (Mc 4.11).

## Formas

A palavra *parábola*, no Novo Testamento, tem uma conotação ampla que inclui formas de parábolas que são, geralmente, divididas em três categorias.<sup>2</sup> Há as autênticas parábolas, histórias em forma de parábolas e ilustrações.

## As Parábolas de Jesus

1. PARÁBOLAS AUTÊNTICAS. Essas usam como ilustração um fato comum do dia-a-dia, e são facilmente compreendidas por qualquer um que as ouça. Qualquer pessoa entende a verdade transmitida; não há motivo para objeção ou crítica. Todos já viram uma semente germinar

---

\* Introdução do livro de mesmo nome.

<sup>1</sup> R. Schippers, “The Mashal-character of the Parable of the Peari”, em *Studia Evangelica*, ed. F. L. Cross (Berlin: Akademie-Verlag, 1964), 2:237.

<sup>2</sup> F. Hauck, TDNT, V:752.

(Mc 4.26-29); o fermento levedando a massa (Mt 13.33); crianças brincando numa praça (Mt 11.16-19; Lc 7.31,32); uma ovelha desgarrada do rebanho (Mt 18.12-14); uma mulher que perde uma moeda em sua própria casa (Lc 15.8-10). Essas e muitas outras parábolas começam retratando verdades evidentes a respeito da natureza do homem. São contadas, usualmente, no presente.

2. HISTÓRIAS EM FORMA DE PARÁBOLAS. Diferindo das parábolas autênticas, a história em forma de parábola não se relaciona com uma verdade óbvia ou com um costume geralmente aceito. A verdadeira parábola é contada como um fato, com o verbo no presente. A história em forma de parábola, por outro lado, se refere a um acontecimento em particular, que teve lugar no passado – geralmente a experiência de uma pessoa. É, por exemplo, a experiência de um fazendeiro que semeou trigo e, mais tarde, percebeu que seu inimigo semeara o joio no mesmo pedaço de chão (Mt 13.24-30). É a história de um homem rico, cujo administrador defraudou os seus bens (Lc 16.1-9); ou, é o relato a respeito de um juiz que julgou a causa de uma viúva atendendo a seus inúmeros pedidos (Lc 18.1-8). O interesse dessas histórias não está na narrativa, porque o que é significativo nelas não é o fato, mas a verdade transmitida.

3. ILUSTRAÇÕES. As histórias ilustrativas registradas no Evangelho de Lucas são, geralmente, classificadas como histórias que servem de modelo, de exemplo. Incluem a parábola do bom samaritano (Lc 10.30-37); a parábola do rico insensato (Lc 12.16-21); a parábola do rico e Lázaro (Lc 16.19-31); e a parábola do fariseu e o publicano (Lc 18.9-14). Essas ilustrações diferem das histórias em forma de parábolas pelo seu *propósito*. Enquanto a história em forma de parábola é uma analogia, as ilustrações contêm exemplos a serem imitados ou evitados. Elas focalizam, diretamente, o caráter e a conduta de um indivíduo; a história em forma de parábola faz isso apenas indiretamente. Nem sempre é simples classificar uma parábola. Algumas delas apresentam características dos dois grupos – da autêntica parábola e da história em forma de parábola – e podem ser classificadas de um modo ou de outro. Os Evangelhos registram, também, numerosas afirmações em forma de parábola. É, muitas vezes, difícil determinar quando uma declaração de Jesus constitui uma autêntica parábola, ou quando é uma declaração em forma de parábola. O ensinamento de Jesus a respeito do fermento (Lc 13.20,21) é classificado como uma verdadeira parábola, mas sua mensagem sobre o sal (Lc 14.34,35) é considerada uma afirmação em forma de parábola. No entanto, algumas declarações de Jesus são apresentadas como parábolas. Por exemplo: “Propôs-lhe também uma parábola: Pode porventura um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no barranco?” (Lc 6.39).

No que uma *parábola* difere de uma *alegoria*? O Peregrino de John Bunyan é uma representação alegórica do caminhar de um cristão pela

vida. Os nomes e as circunstâncias encontrados no livro representam a realidade. Cada fato, cada característica ou afirmação são simbólicos e devem ser interpretados ponto a ponto em seu significado real para que possam ser corretamente entendidos. Uma parábola, por sua vez, é fiel à vida e ensina, geralmente, apenas uma verdade básica. Em suas parábolas, Jesus usou muitas *metáforas*, como, por exemplo, um rei, servos e virgens, mas estas nunca se afastaram da realidade. Não estão nunca relacionadas com um mundo de fantasia ou ficção. São histórias e exemplos tirados do mundo em que Jesus vivia e transmitem uma verdade espiritual, através da comparação. Os pormenores da história são o sustentáculo da mensagem que a parábola transmite. Não devem ser analisadas ponto a ponto e interpretadas como uma alegoria, pois perderiam o seu significado.

## **Composição**

Embora, de um modo geral, seja verdade que uma parábola ensina somente uma lição básica, esta regra nem sempre é definitiva. Algumas das parábolas de Jesus têm composição complexa. A composição da parábola do semeador apresenta quatro partes e cada parte pede uma interpretação. Do mesmo modo, a parábola sobre as bodas não é uma história única, pois tem acrescentada uma parte a respeito de um convidado que não está usando roupas apropriadas para a ocasião. Também, a conclusão da parábola sobre os lavradores maus se desvia do cenário da vinha para o de construtores e seus negócios. Por causa dessa complexidade, é sensato o exegeta não prender-se a um ponto único na interpretação da composição das parábolas.

Ao ler as parábolas de Jesus, nós nos perguntamos por que são deixados de lado vários detalhes que deveriam fazer parte da história. Por exemplo, na história do amigo que bate à porta de seu vizinho, no meio da noite, para pedir três pães, a mulher do vizinho não é mencionada. Na parábola do filho pródigo, o pai é uma figura marcante, mas nem uma palavra é dita a respeito da mãe. A parábola das dez virgens apresenta o noivo, mas ignora completamente a noiva. Esses pormenores, entretanto, não são relevantes na composição geral das parábolas, especialmente se compreendermos o artifício literário das tríades, muitas vezes usado nas parábolas de Jesus. Na parábola do amigo que vem bater à porta no meio da noite, há três personagens: o viajante, o amigo e o vizinho. A parábola do filho pródigo também fala de três pessoas: o pai, o filho mais jovem e o irmão mais velho. Na história das dez virgens, encontramos três elementos: as cinco virgens prudentes, as cinco virgens tolas e o noivo.

Além disso, nas parábolas de Jesus não é o começo da história o que é importante, porém o seu final. A importância recai sobre a última pessoa mencionada, o último feito ou a última declaração. O “efeito final” da

parábola é deliberadamente elaborado em sua composição.<sup>3</sup> Foi o samaritano que procurou aliviar a dor do homem ferido, não o sacerdote ou o levita. Embora os dois servos que apresentaram cinco e dois talentos adicionais a seu senhor tenham recebido louvor e elogios, foi o fato de ter enterrado seu único talento na terra que trouxe ao terceiro servo escárnio e condenação. Na parábola sobre o proprietário de terras que durante o dia contratou homens para trabalhar em sua vinha e, às seis horas, ouviu reclamações de alguns dos trabalhadores, o mais importante é a resposta do dono: “Amigo, não te faço injustiça... são maus os teus olhos porque eu sou bom?” (Mt 20.13,15).

A arte de elaborar e contar parábolas, demonstrada por Jesus, não encontra paralelo na literatura. Mas bem semelhantes às parábolas de Jesus são aquelas dos antigos rabinos dos dois primeiros séculos da era cristã. Essas parábolas eram apresentadas, comumente, com uma pergunta: “Uma parábola: A que se assemelha?” Nessas parábolas, também, o artifício literário da tríade e a ênfase final eram usados. Por exemplo:

Uma parábola: A que se assemelha? A um homem que estava viajando pela estrada, quando encontrou um lobo. Conseguiu escapar dele e seguiu adiante, relatando aos outros seu encontro com o lobo. Então, ele encontrou um leão e escapou dele; e seguiu adiante, contando a todos o encontro com o leão. A seguir, ele encontrou uma cobra e escapou dela. Após esse acontecimento, ele se esqueceu dos dois anteriores e prosseguiu contando o caso da cobra. Assim também é Israel: as últimas dificuldades o fazem esquecer as primeiras.<sup>4</sup>

Entretanto, a semelhança entre as parábolas de Jesus e as dos rabinos está apenas na forma. As parábolas dos rabinos, normalmente, são apresentadas para explicar ou elucidar a Lei, versículos das Escrituras, ou uma doutrina. Elas não são usadas para ensinar novas verdades, como acontece com as parábolas de Jesus. Através das parábolas, Jesus explicava os grandes temas de seu ensinamento; o reino dos céus; o amor, a graça e a misericórdia de Deus; o governo e a volta do Filho de Deus; o modo de ser e o destino do homem.<sup>5</sup> Enquanto que as parábolas dos rabinos não ensinam senão a aplicação da Lei, as de Jesus são parte da revelação de Deus ao homem. Em suas parábolas, Jesus revela novas verdades, pois ele foi comissionado por Deus para tornar conhecida a vontade e a Palavra de Deus. As parábolas de Jesus, portanto, são a revelação de Deus; as dos rabinos, não.

<sup>3</sup> A. M. Hunter, *The Parables Then and Now* (London: Westminster Press, 1971), p. 12.

<sup>4</sup> I. Epstein, ed., “Seder Zeraim Berakoth 13a”, in *The Babylonian Talmud* (London: Soncino Press, 1948); p.73.

<sup>5</sup> Hauck, TDNT, V:758. J. Jeremias, na oitava edição de seu *Die Gleichnisse Jesu* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1970), p. 8, faz notar que as parábolas de Jesus podem ter contribuído para o desenvolvimento do gênero literário das parábolas dos rabinos.

## Propósito

As parábolas mostram que Jesus estava perfeitamente familiarizado com a vida humana em seus múltiplos aspectos e significados. Ele tinha conhecimento de como cultivar a terra, lançar a semente, extirpar as ervas daninhas e colher os frutos. Ele se sentia em casa, em uma vinha; sabia a época da colheita dos frutos da videira e da figueira, e estava a par do quanto se pagava por um dia de trabalho. Ele não apenas estava familiarizado com a rotina do fazendeiro, do pescador, do construtor e do mercador, mas se encontrava igualmente à vontade entre os chefes de Estado, os ministros das finanças de uma corte real, os juizes das cortes de justiça, os fariseus e os coletores de impostos. Ele compreendeu a pobreza de Lázaro, embora fosse convidado para jantar com os ricos. Suas parábolas retratam a vida de homens, mulheres e crianças; o pobre e o rico; os que são marginalizados e os que são exaltados. Pelo seu conhecimento da amplitude da vida humana, ele era capaz de ministrar a todas as camadas sociais. Ele falava a linguagem do povo e seus ensinamentos eram adequados ao nível daqueles que o ouviam. Jesus usava parábolas para tornar sua linguagem acessível ao povo, para ensinar às multidões a Palavra de Deus, para chamar seus ouvintes ao arrependimento e à fé, para desafiar os que criam a transformar palavras em atos e para exortar seus seguidores a permanecerem atentos.

Jesus usou as parábolas para comunicar a mensagem de salvação de um modo claro e simples. Seus ouvintes podiam, prontamente, entender a história do filho pródigo, dos dois devedores, da grande ceia e do fariseu e o publicano. Através das parábolas, eles identificavam Jesus com o Cristo que ensina com autoridade a mensagem redentora do amor de Deus.

Dos relatos do Evangelho, todavia, tomamos conhecimento que a interpretação das parábolas era feita em particular, no círculo dos discípulos. Jesus lhes disse: “A vós outros é dado o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por meio de parábolas, para que vendo, vejam, e não percebam; e ouvindo, ouçam, e não entendam, para que não venham a converter-se e haja perdão para eles.” (Mc 4.11,12).

Isso significa que Jesus, que foi enviado por Deus para proclamar a redenção dos homens caídos e pecadores, esconde essa mensagem através de parábolas incompreensíveis? As parábolas são, então, um tipo de enigma compreendido apenas pelos iniciados?

As palavras de Marcos 4.11,12 devem ser entendidas no contexto mais amplo, no qual o escritor as colocou.<sup>6</sup> No capítulo anterior, Marcos relata

---

<sup>6</sup> J. Jeremias. *The Parables of Jesus* (New York: Scribner, 1963), pp. 13-18, sustenta que essas palavras de Jesus foram deslocadas e pertencem a outro escrito; devem ser interpretadas sem relação com o contexto de Marcos 4. De acordo com Jeremias, o escritor inseriu passagem proveniente de outra tradição, por causa do sentido comum da palavra parábola, que ele afirma

que Jesus encontrara descrença, blasfêmia e oposição direta. Ele foi acusado de estar possuído por Belzebu e de expelir demônios, pelo príncipe dos demônios (Mc 3.22). O contraste que Jesus apresenta, conseqüentemente, é entre aqueles que acreditavam e os que não acreditavam, entre seguidores e oponentes, entre os que aceitavam e os que rejeitavam a revelação de Deus. Os que fazem a vontade de Deus recebem a mensagem das parábolas, porque pertencem à família de Jesus (Mc 3.35). Os que tentam destruir Jesus (Mc 3.6) não conhecem a salvação, por causa da dureza de seus corações. É uma questão de fé e descrença. Os que acreditam ouvem as parábolas e as recebem com fé e entendimento, mesmo que a completa compreensão venha, apenas, gradualmente. Os incrédulos rejeitam as parábolas porque elas são estranhas à sua maneira de pensar.<sup>7</sup> Recusam-se a perceber e entender a verdade de Deus. Assim, por causa de seus olhos cegos e seus ouvidos surdos, privam a si mesmos da salvação proclamada por Jesus, e trazem sobre si mesmos o julgamento de Deus.

Não nos surpreende que os discípulos de Jesus não tenham entendido completamente a parábola do semeador (Mc 4.13). Os seguidores mais próximos estavam perplexos com os ensinamentos da parábola porque não tinham visto ainda a importância da pessoa e do ministério de Jesus, em relação à verdade de Deus revelada na parábola. Somente pela fé foram capazes de ver aquela verdade da qual as parábolas davam testemunho.<sup>8</sup> Jesus explicou de modo mais pormenorizado a parábola do semeador e a do trigo e do joio (em outras, ele, de quando em quando, acrescentava esclarecimentos às conclusões). Aos discípulos foi dado ver a relação entre os acontecimentos que Jesus descrevia na parábola do semeador e o reino dos céus, iniciado na pessoa de Jesus, o Messias.<sup>9</sup>

Na igreja primitiva, os Pais da igreja começaram a procurar nas Escrituras do Velho Testamento vários significados ocultos relacionados com a vinda de Jesus. Como conseqüência natural dessa tendência, os Pais começaram a encontrar significados ocultos nas parábolas de Jesus. Influenciados, talvez, pela apologética judaica, substituíram a simplicidade das Escrituras pela especulação sutil. O resultado foram as interpretações alegóricas das parábolas. Por isso, desde o tempo dos Pais da igreja, até meados do século XIX, muitos exegetas interpretaram as parábolas alegoricamente.

---

significar, originalmente, enigma. Jeremias atribui, assim, dois sentidos à palavra parábola, em Marcos 4. O primeiro significando parábola autêntica, e o segundo, enigma. As regras da exegese, no entanto, não apóiam a interpretação de Jeremias, pois, a menos que o evangelista revele um significado diferente para uma palavra do texto, essa deve conservar o mesmo sentido através de toda a passagem.

<sup>7</sup> W. Lane, *The Gospel According to Mark* (Grande Rapids: Eerdmans, 1974), p. 158; W. Hendriksen, *Gospel of Mark* (Grand Rapids: Baker Book House, 1975), p. 145; H. N. Ridderbos, *The Coming of the Kingdom* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1962), p. 124.

<sup>8</sup> C.E.B. Cranfield, "St. Mark 4.1-34", *Scot JT* 4(1951): 407.

<sup>9</sup> Lane, *Mark*, p. 160.

Orígenes, por exemplo, acreditava que a parábola das dez virgens estava cheia de símbolos ocultos. As virgens, disse Orígenes, são todos aqueles que receberam a Palavra de Deus. As prudentes acreditam e levam uma vida de justiça; as tolas acreditam, mas falham no agir. As cinco lâmpadas das prudentes representam os cinco sentidos, que são todos preparados para o seu uso apropriado. As cinco lâmpadas das tolas deixaram de fornecer luz e se encaminharam para a noite do mundo. O óleo é o ensinamento da Palavra e os vendedores de óleo são os mestres. O preço que eles cobram pelo óleo é a perseverança. A meia-noite é a hora do descuido imprudente. O grande clamor ouvido vem dos anjos que despertam todos os homens. O noivo é Cristo que vem para encontrar a noiva, a igreja. Assim Orígenes interpretou a parábola.

Entre os comentaristas do século XIX, era comum identificar os pormenores da parábola. Na parábola das dez virgens, a lâmpada acesa representava as boas obras; e o óleo, a fé daquele que crê. Outros viram o óleo como uma representação simbólica do Espírito Santo.

Ainda assim, nem todos os intérpretes das parábolas tomaram o caminho da alegoria. Por ocasião da Reforma, Martinho Lutero tentou mudar a maneira de interpretar as Escrituras. Ele preferiu um método de exegese bíblica que levava em consideração a localização histórica e a estrutura gramatical da parábola. João Calvino foi ainda mais direto. Ele evitou totalmente as interpretações alegóricas das parábolas e procurou estabelecer o ponto principal de seu ensinamento. Quando ele constatava o significado de uma parábola, não se preocupava com os seus pormenores. Em sua opinião, os detalhes não tinham nada a ver com aquilo que Jesus pretendia ensinar através da parábola.

Durante a segunda metade do século XIX, C.E. van Koetsveld, um estudioso alemão, deu novo impulso ao modo de abordar o assunto, iniciado pelos Reformadores. Ele mostrou que as extravagantes interpretações alegóricas das parábolas, feitas por numerosos comentaristas, obscureciam mais que esclareciam o ensino de Jesus.<sup>10</sup> Para interpretar uma parábola apropriadamente, o exegeta precisa apreender seu significado básico e distinguir o que é, ou não, essencial. Van Koetsveld foi seguido, em sua maneira de abordar as parábolas, pelo teólogo alemão A. Jülicher, que observou que, embora o termo *parábola* seja usado frequentemente pelos evangelistas, a palavra alegoria jamais é encontrada nos relatos dos Evangelhos.<sup>11</sup>

No final do século passado, as amarras que atavam a exegese das parábolas foram cortadas e uma nova era de pesquisa teve início.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> C.E. van Koetsveld, *De Gelykenissen van den Zaligmaker* (Schoonhoven, 1869), vols. 1,2.

<sup>11</sup> A. Jülicher, *Die Gleichnisreden Jesu* (Tübingen: Buchgesellschaft, 1963), vols. 1,2.

<sup>12</sup> Consulte os interessantes estudos de M. Black, "The Parables as Allegory", *BJRL* 42 (1960): 273-87; R. E. Brown, "Parable and Allegory Reconsidered", *NTS* 5(1962): 3645.

Enquanto Jülicher via Jesus como um professor de princípios morais, C. H. Dodd o considerou como uma pessoa histórica, dinâmica, que, com seus ensinamentos, provocou um período de crise. Disse Dodd: “A tarefa de um intérprete de parábolas é descobrir, se puder, a aplicação da parábola na situação pretendida pelos Evangelhos”.<sup>13</sup> Jesus ensinava que o reino de Deus, o Filho do Homem, o Juízo e as bem-aventuranças passavam a fazer parte da história daquela época. Para Jesus, de acordo com Dodd, o reino significava o governo de Deus exemplificado em seu próprio ministério. Portanto, as parábolas ensinadas por Jesus devem ser entendidas como diretamente relacionadas com a efetiva situação do governo de Deus na terra.

J. Jeremias continuou o trabalho de Dodd. Ele, também, desejou descobrir os ensinamentos das parábolas que remetem de volta ao próprio Jesus. Jeremias se dispôs a traçar o desenvolvimento histórico das parábolas, o que acreditava ocorrer em dois estágios. O primeiro diz respeito à situação real do ministério de Jesus, e o segundo é uma reflexão sobre o modo como as parábolas eram postas em prática pela igreja cristã primitiva. A tarefa a que Jeremias se propôs era a de recuperar a forma original das parábolas para ouvi-las na própria voz de Jesus.<sup>14</sup> Com o seu profundo conhecimento da terra, da cultura, dos costumes, do povo e da língua de Israel, Jeremias foi capaz de reunir um rico cabedal de informações que fazem de sua obra um dos livros de maior prestígio a respeito das parábolas.

Apesar disso, uma questão se apresenta: pode a forma original ser separada do contexto histórico sem sucumbir a um acúmulo de adivinhações? Por outro lado, o texto das parábolas pode ser tomado e aceito como uma representação real do ensino de Jesus. Isto é, o texto bíblico que o evangelista nos entregou reflete o contexto histórico no qual as parábolas foram, originalmente, narradas. Dependemos do texto que recebemos e agimos acertadamente quando deixamos as parábolas e seu assentamento histórico intactos. Isso pede confiança – que os evangelistas, ao registrarem as parábolas, tenham compreendido a intenção de Jesus ao ensiná-las nas circunstâncias por eles descritas.<sup>15</sup> Na ocasião em que as parábolas foram registradas, testemunhas e ministros da Palavra transmitiram a tradição oral das palavras e feitos de Jesus (Lc 1.1,2). Por causa do elo com as testemunhas, podemos confiar que o contexto no qual as parábolas estão inseridas se refere ao tempo, lugares e circunstâncias nas quais Jesus, originalmente, as ensinou.

Mais recentemente, representantes de nova corrente da hermenêutica têm, de maneira crescente, deslocado as parábolas de seu assentamento

<sup>13</sup> C.H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (London, Nesbit and Co., 1935), p. 26.

<sup>14</sup> Jeremias, *Parables*, pp. 113,114.

<sup>15</sup> A. M. Brouwer, *De Gelykenissen* (Leiden: Brill, 1946), p. 247; G.V. Jones, *The Art and Truth of the Parables* (London: S.P. C.K., 1964), p. 38.



histórico para uma ênfase literária claramente baseada numa estrutura existencial.<sup>16</sup> Quer dizer, esses estudiosos tratam as parábolas como literatura existencial, as removem de suas amarras históricas e substituem sua significação original por uma mensagem contemporânea. Negam que o sentido da parábola tem sua origem na vida e ministério de Jesus; <sup>17</sup> não estão interessados em suas fontes e bases, mas, antes, em sua forma literária e sua interpretação existencial. <sup>18</sup> Para eles, a estrutura literária da parábola é importante porque leva o homem moderno a um momento de decisão: tem que aceitar ou rejeitar o desafio colocado diante dele.

Aceitamos prontamente a idéia de que as parábolas chamam o homem à ação; na aplicação da parábola do bom samaritano, ao intérprete da lei que o questionou, Jesus disse: “Vai, e procede tu de igual modo” (Lc 10.37). Entretanto, o existencialista, em sua interpretação da parábola, enfatiza o modo imperativo e menospreza o modo indicativo no qual a parábola foi contada. Ele separa as palavras de Jesus de sua disposição cultural e, assim, as despoja do poder e autoridade que Jesus lhes deu.

Além do mais, ao tratar as parábolas como estruturas literárias separadas de seu assentamento original, o existencialista precisa estabelecer para elas uma nova base. Assim, ele coloca as parábolas num contexto contemporâneo. Mas, esse método dificilmente pode ser chamado de exegético, pois insufla no texto bíblico uma filosofia existencial. Isso é *eisegese*, não *exegese*. Infelizmente, o cristão comum, que procura orientação para o entendimento das parábolas com os representantes da nova escola hermenêutica, precisa, primeiro, buscar conhecer a filosofia existencial, a teologia neo-liberal e o jargão literário do estruturalismo, para que possa se beneficiar com seus pontos de vista.

## Princípios

Interpretar parábolas não exige um treinamento completo em teologia e filosofia, mas implica que o exegeta se atenha a alguns princípios básicos de interpretação. Esses princípios, em resumo, estão relacionados com a história, a gramática e a teologia do texto bíblico. Sempre que possível, o intérprete deve fazer um estudo da conjuntura histórica da parábola, incluindo uma análise pormenorizada das circunstâncias religiosas, sociais, políticas e geográficas reveladas na parábola. A disposição da parábola do bom samaritano, por exemplo, exige certa familiaridade com

---

<sup>16</sup> M. A. Tolbert, *Perspectives on the Parables* (Philadelphia: Fortress Press, 1979), p.20.

<sup>17</sup> D. O. Via, Jr., em “A response to Crossan, Funk, and Peterson”, *Semeia* 1 (1974): 222, afirma: “Não tenho absolutamente interesse, nem mesmo na Pessoa do Jesus histórico”.

<sup>18</sup> J. D. Crossan, em “The Good Samaritan” *Towards a Generic Definition of Parable*, *Semeia* 2 (1974): 101, parece indicar que é mais importante para uma proposição ser interessante que ser verdadeira.

a instrução do clero daqueles dias, O intérprete da lei, procurando Jesus e perguntando-lhe o que fazer para herdar a vida eterna, deu início à conversação que levou à história do bom samaritano.

Em relação à parábola do bom samaritano, o exegeta deveria se familiarizar com a origem, a classe social e a religião dos samaritanos, com as funções, ofício e residência do sacerdote levita; com a topografia da área entre Jerusalém e Jericó; e com o conceito judaico de boa vizinhança. Observando o contexto histórico da parábola, o intérprete apreende a razão por que Jesus contou essa história e compreende a lição que Jesus procurou transmitir através da parábola.<sup>19</sup>

A seguir, o exegeta deve atentar para a estrutura literária e gramatical da parábola. Os modos e tempos de verbos empregados pelo evangelista em relação à parábola são muito significativos e lançam luz sobre o principal ensinamento da história. As palavras estudadas em seu contexto bíblico, assim como em escritos extracanônicos são parte essencial do processo de interpretação de uma parábola. Assim, o estudo da palavra *próximo* no contexto do comando “Ama o teu próximo como a ti mesmo”, como foi dado no Velho e Novo Testamentos, resulta num exercício gratificante. O intérprete precisa, também, levar em consideração a introdução e a conclusão de uma parábola, pois podem conter um artifício literário como uma questão de retórica, uma exortação ou uma ordem. A parábola do bom samaritano é concluída com o comando direto: “Vai, e procede tu de igual modo” (Lc 10.37). O intérprete da lei, que tinha perguntado a Jesus a respeito do que fazer para herdar a vida eterna, não teve como deixar de se envolver no cumprimento da ordem de amar a seu próximo como a si mesmo. As introduções, e especialmente as conclusões, contêm as diretrizes que ajudam o intérprete a encontrar os pontos principais das parábolas.

Ainda, o ponto principal de uma parábola deve ser comparado teologicamente com os ensinamentos de Jesus e com o resto das Escrituras.<sup>20</sup> Quando o ensino básico de uma parábola foi completamente explorado e está corretamente entendido, a unidade das Escrituras se manifestará e o sentido apropriado da passagem poderá ser visto em toda a sua simplicidade e limpidez.

Por último, o intérprete da parábola deve traduzir seu significado em termos apropriados às necessidades de hoje. Sua tarefa é aplicar o ensinamento central da parábola à situação de vida da pessoa que está ouvindo sua interpretação. Na parábola do bom samaritano, a ordem para amar o próximo se torna cheia de significado quando a pessoa que foi roubada e ferida na estrada de Jericó não é mais uma figura de um

<sup>19</sup> L. Berkhof, *Principles of Biblical Interpretation* (Grand Rapids: Baker Book House, 1952), p. 100.

<sup>20</sup> A. B. Mickelsen, *Interpreting the Bible* (Grand Rapids: Eerdmans 1963), p. 229.

passado distante. Ao contrário, o próximo que clama pelo nosso amor é o sem-teto, carente e oprimido. Ele vem ao nosso encontro na estrada de Jericó das páginas diárias dos jornais e do noticiário colorido da televisão.

## **Classificação**

As parábolas de Jesus podem ser agrupadas e classificadas de várias formas. As do semeador, da semente germinando secretamente, do trigo e do joio, da figueira estéril, e a da figueira brotando são, todas, parábolas naturais. Várias parábolas de Jesus dizem respeito ao trabalho e ao salário. Algumas delas são a respeito dos trabalhadores da vinha, do arrendatário e do administrador infiel. O tema de outras são as bodas e festas ou ocasiões solenes. Essas incluem a parábola das crianças brincando na praça, a das dez virgens, a da grande ceia e a do banquete das bodas. Outras, ainda, têm como motivo geral o achado e o perdido. Essas incluem as parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e a do filho perdido.

Nem sempre, no entanto, é fácil classificar uma parábola. A parábola da rede é uma parábola natural, ou deve ser agrupada com as que falam de trabalho e salário? Onde colocar a parábola do bom samaritano? Fica claro que a classificação das parábolas pode ser, de certo modo, arbitrária, e, em alguns casos, forçada.

[...]

Extraído de *As Parábolas de Jesus*  
Simon J. Kistemaker  
Casa Editora Presbiteriana, 1992